Relatório de Pesquisa Qualitativa

30ª Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima

COP30 - UNFCCC

Série COP-30 - N1

POR ELAS, PELO CLIMA: GÊNERO, EMPREENDEDORISMO E JUSTIÇA CLIMÁTICA

SEBRAE

RELATÓRIO DE PESQUISA QUALITATIVA

POR ELAS, PELO CLIMA:
GÊNERO, EMPREENDEDORISMO E JUSTIÇA CLIMÁTICA

Sumário

Contexto do estudo: 2
Objetivos: 2
Questão-Chave: 2
Questões complementares: 3
Público-alvo: 3
Metodologia: 3
Aplicação dos resultados: 3
Perfis das entrevistadas: 3
Resultados 5
1. Perfil: trajetórias das entrevistadas 5
2. O protagonismo das mulheres na agenda climática 7
3. Barreiras e oportunidades 10
4. Estratégias e inovações 17
5. O papel do Sebrae e das parcerias 20
6. Recomendações finais 25
Equipes da Pesquisa 27

Contexto do estudo:

A COP-30 representa uma oportunidade histórica para o Brasil liderar debates globais sobre clima, articulando justiça climática, transição justa e igualdade de gênero. Estudos apontam que as mudanças climáticas afetam desproporcionalmente meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade, particularmente em contextos de pobreza e desigualdade. Por outro lado, lideranças femininas têm se destacado na construção de soluções sustentáveis. No Brasil, elas respondem por quase metade dos empreendimentos e demonstram forte propensão a integrar critérios ambientais em suas decisões.

O cumprimento das metas da nova Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC) — redução de emissões de 59% para 67% até 2035 — exige uma abordagem inclusiva e colaborativa. Nesse cenário, o Sebrae desempenha papel estratégico, mobilizando esforços para desenvolver competências voltadas à sustentabilidade, incentivar o empreendedorismo verde e promover um ambiente de negócios que reconheça e apoie as especificidades dos pequenos negócios na transição para uma economia de baixo carbono.

Ampliar o protagonismo feminino na ação climática é, portanto, não apenas uma questão de justiça social, mas também um imperativo estratégico para o alcance das metas nacionais e para consolidar a posição do Brasil como líder global no tema.

Objetivos:

- Compreender as percepções de lideranças femininas engajadas na agenda climática sobre o papel e a contribuição do empreendedorismo feminino para a transição justa;
- Mapear barreiras, oportunidades e fatores que potencializam o impacto positivo de iniciativas lideradas por mulheres para ações de mitigação e adaptação climática;
- Coletar experiências, sugestões e recomendações de lideranças sobre como o Sebrae e seus parceiros podem ampliar e qualificar o apoio à atuação de mulheres empreendedoras em toda a sua diversidade na justiça climática;
- Obter insights para formulação de abordagens inovadoras que integrem justiça climática, transição justa e igualdade de gênero.

Questão-Chave:

- Como o protagonismo de mulheres empreendedoras, em toda a sua diversidade, pode ser potencializado para gerar soluções inovadoras e sustentáveis frente aos desafios climáticos e à transição justa?

Questões complementares:

- Quais barreiras e oportunidades moldam a atuação de lideranças femininas nas agendas de mitigação e adaptação climática?
- Que estratégias e políticas podem integrar justiça climática, transição justa e igualdade de gênero no fomento à atuação de mulheres empreendedoras de forma inovadora e sustentável?
- Qual papel o Sebrae poderá desempenhar, como um ator-chave, para o fortalecimento da atuação de mulheres empreendedoras na agenda climática?

Público-alvo:

Lideranças femininas nacionais e internacionais atuantes em: Organizações da sociedade civil (ONGs, fundações, redes de advocacy); Organizações públicas ligadas à agenda climática e ao desenvolvimento sustentável; Think-tanks e instituições de pesquisa aplicada; Academia (docentes e pesquisadoras em clima, gênero e desenvolvimento sustentável).

Metodologia:

Pesquisa qualitativa em profundidade com entrevistas semiestruturadas via plataforma on-line, garantindo alcance nacional e internacional. A etapa de coleta de dados foi realizada durante o mês de setembro de 2025 com um total de 14 entrevistas.

Aplicação dos resultados:

- Subsidiar políticas, programas e ações do Sebrae que integrem gênero, empreendedorismo e justiça climática;
- Orientar a atuação do Sebrae para ampliar o impacto de mulheres empreendedoras, em toda a sua diversidade, na agenda climática.

Perfis das entrevistadas:

- **Acadêmicas**: Pesquisadoras renomadas há mais de 20 anos em universidades públicas, referência nacional e internacional em consumo sustentável, economia ecológica e sociobiodiversidade na Pan-Amazônia e no Cerrado.
- **Economia circular**: Pioneira no Brasil no tema, consultora premiada pela UNESCO, com 15 anos de atuação e cofundadora de associação de mulheres na economia circular.

- **Sociedade civil amazônica**: Especialista com 25 anos em políticas socioambientais, liderança em conselhos nacionais e no Observatório do Clima, atuando com povos indígenas, quilombolas e extrativistas pela proteção de territórios e culturas.
- **Organismo internacional**: Economista com doutorado em mudança climática e mais de 30 projetos em economia ambiental, liderança em cooperação técnica e formulação de políticas sustentáveis globais e nacionais.
- **Jovem liderança em energia**: Fundadora de iniciativa feminina no setor energético, especialista em clima no CIF, premiada pela Forbes Under 30 e Reuters, com trajetória em BID, ONU e SEforAll.
- **Pantanal e biomas**: Cofundadora de organização socioambiental e coordenadora de políticas de organismo internacional, com 20 anos de atuação pela igualdade de gênero e direitos territoriais no Pantanal e outros biomas.
- **Think-tank do Sul Global**: Doutora em Relações Internacionais, coordena centro de pesquisa e cooperação climática com foco no Sul Global, atuando em governança inclusiva e políticas públicas baseadas em evidências.
- **Jovem negra**: Assessora internacional em organização de referência, especialista em justiça climática e racial, pesquisadora de periferias e quilombos urbanos, consolidando voz emergente em clima, gênero e raça.
- **Mulher indígena amazônica**: Presidente de OSC de pesquisa e desenvolvimento amazônico, lidera rede de 600 organizações na Amazônia Legal, referência nacional na defesa de povos da floresta e mulheres ribeirinhas.
- **Executiva em finanças sustentáveis**: Conselheira em rede internacional de mulheres no clima e em sustentabilidade ESG, com carreira no setor bancário e reconhecimento internacional em impacto socioambiental.
- **Democracia e gênero**: Cofundadora de organização que fortalece mulheres na política e gestão pública, especialista em ecologia política, direitos humanos e justiça social, com experiência internacional.
- **Justiça e direitos humanos**: Advogada e diretora de OSC internacional, especialista em direitos das mulheres e equidade, com forte presença global em conselhos e cátedras sobre justiça social e climática.
- **Mulher indígena amazônica feminista**: Fundadora de organização voltada às mulheres da Amazônia, ativista desde os anos 70, referência na articulação de movimentos femininos indígenas na Amazônia Legal.

Resultados

1. Perfil: trajetórias das entrevistadas

Clima, gênero e empreendedorismo: como se conectaram com a agenda?

Há diferentes caminhos pelos quais as entrevistadas se conectaram à agenda de justiça climática e gênero, mas também há pontos de convergência nos quais as trajetórias individuais se vinculam com esses temas.

1) De fora com eixo institucional/econômico

São perfis que chegam à esta agenda via caminhos institucionais com foco no aspecto econômico (educação financeira, microcrédito, políticas industriais verdes, programas e ações afirmativas de gênero, infraestrutura de cuidados, etc). O foco destas trajetórias está na mudança das regras do jogo, escalando políticas públicas, projetos, editais, instrumentos financeiros, metas de diversidade e de clima para dar conta desta agenda.
Como articulam esses temas atualmente? Sua atuação visa criar trilhas de capacitação para mulheres e articular arranjos intersetoriais com setor público, empresas, universidades, sociedade civil, usando métricas além do carbono, tais como paridade, salário digno, inclusão em cadeias, etc. Buscam escala por editais, indicadores e governança, mantendo critérios de diversidade.

2) De fora com imersão territorial

Este perfil dá conta de trajetórias que começam fora do território e se transformam e se conectam às agendas locais pela imersão territorial e pela presença contínua nas comunidades. O foco é o olhar na governança local e na escuta dos saberes e fazer tradicionais, rejeitando modelos top-down e ressaltam a necessidade de linguagens ancoradas no local e de políticas de longo prazo. Este perfil mede impacto de ações voltadas para a agenda de gênero e de transição climática por indicadores como permanência no território, bem-estar e fortalecimento das instituições locais.
Como articulam esses temas atualmente? articulam gênero, justiça climática e empreendedorismo a partir da vida local: escuta ativa, protocolos comunitários, tecnologias do saber-fazer tradicional, cadeias curtas e remuneração do cuidado.

3**) Oriundas do território - identidade e práticas ancoradas no local**

Trajetórias cujo ponto de partida é o modo de vida e a identidade territorial (indígena, ribeirinha, amazônica), que partem do chão do território, quando a conexão

nasce da vivência comunitária e do contato com saberes tradicionais. O foco são as redes de cuidado e sociobiodiversidade, a economia não monetária e a gestão associativa. A política, para este perfil, deve nascer "de dentro".

Como articulam esses temas atualmente? Reivindicam reconhecimento jurídico das formas organizativas locais, proteção contra violências, acesso a mercados sem atravessadores e presença do Estado com continuidade. Articulam justiça climática como autonomia e permanência, operando com saberes ancestrais como tecnologia social e medindo impacto por fortalecimento institucional comunitário e diversidade produtiva.

As semelhanças entre as trajetórias são claras em termos de conceitos norteadores:

- gênero é estruturante da agenda climática. Além disso, são necessários também recortes de raça e de território.
- Soluções ganham força quando enraizadas no território e a escuta dos saberes e fazeres tradicionais é importante. Mesmo aqueles perfis que operam via políticas e instituições financeiras reconhecem que as soluções precisam estar coordenadas e fazer sentido no território.
- Condições viabilizadoras: é necessário infraestrutura de cuidados e condições que garantam que as mulheres disponibilizem de tempo para atuar.
- Políticas precisam ser acompanhadas por financiamentos contínuos e acessíveis (do microcrédito a compras públicas ou filantropia comunitária)
- As métricas não podem se limitar ao carbono, mas devem incluir bem-estar, renda não monetária e diversidade.
- Inclusão real: voz e paridade para mulheres nas agendas de justiça e transição climática, poder real de decisão.
- Continuidade: programas e ações de longo prazo, não ações pontuais.

As diferenças referem-se, sobretudo, ao ponto de partida de cada entrevistada e do peso que conferem aos instrumentos que tem potencial para alavancar a agenda de equidade de gênero e justiça climática. Em síntese, a conexão das entrevistadas com justiça climática, transição justa e gênero nasce por trilhas distintas, mas converge na ideia de que não há clima sem equidade, nem política efetiva sem enraizamento territorial. Que é necessário que as mulheres tenham tempo, voz, espaço, renda, suporte de cuidados e redes. Que as políticas precisam associar conhecimento, tecnologia e financiamento às formas de vida tradicionais e comunitárias que já mantêm pessoas e ecossistemas de pé.

2. O protagonismo das mulheres na agenda climática

O papel das mulheres na transição climática justa

Para as entrevistadas, as mulheres são as principais operadoras da transição justa, focada no território, pois transformam as atividades de cuidado, o conhecimento local e as tecnologias tradicionais em soluções. No entanto, para isso é necessário que tenham condições estruturais, como suporte em termos de tempo, infraestrutura de cuidado, acesso a recursos financeiros, redes e apoio operacional.

- As mulheres são protagonistas de soluções baseadas no território, pois conectam o conhecimento local (e mesmo ancestral) a necessidades atuais, inclusive no que tange à justiça e transição climática, com soluções econômicas e viáveis, tais como ações de agroecologia, coleta seletiva, energia solar, etc. Esse empreendedorismo, se chamado dessa forma, é fundamentalmente coletivo, via associações, redes, cooperativas, cujo sucesso se mede também por aspectos não monetários.
- Lideram redes de cuidado, organizam as logísticas do cotidiano, criam infraestruturas sociais que têm a capacidade de manter pessoas no território durante momentos de crises.
- Fazem a tradução entre a vida prática e o mundo das tecnologias em contexto de baixa renda e baixo acesso a infraestruturas, fazendo com que políticas e programas de fora do contexto sejam mais aderentes, produzindo resultados que reduzem desigualdades.
- Quando ocupam espaços de liderança e decisão, lutam por agendas de direitos, ampliam a pluralidade de soluções e pressionam por ações afirmativas, paridade e diversidade, de modo que a agenda seja justa também em termos de poder e voz para minorias. Exemplos mostram que mulheres nos contextos de liderança defendem que soluções eficazes exigem diversidade de arranjos, de linguagens e de indicadores de sucesso, baseados no território e no contexto, subvertendo a lógica de soluções padronizadas.
- Atuam como educadoras, formando outras mulheres.
- São vetores de inovação inclusiva: na sua atuação empreendedora, combinam a questão econômica com aspectos socioambientais, que respeitam o meio ambiente e o contexto, gerando soluções inovadoras locais com valor econômico. Quando têm acesso a crédito, impulsionam indústrias verdes, melhorando a produtividade com maior retorno social e menor impacto ambiental.

"Eu acho que tem uma contribuição fundamental do empreendedorismo feminino e da liderança feminina dentro do campo econômico, que é do desenvolvimento de negócios que gerem valor, não só financeiro, mas valor social e ambiental também pra sociedade (...) o trabalho das mulheres tem uma contribuição muito fundamental para esse debate de transição justa, porque elas têm esse papel também de cuidar e essa discussão da economia dos cuidados que atravessa o debate de transição justa, e que é uma é uma economia que é pouco visibilizada, pouco contabilizada no PIB dos países." **JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS**

"as mulheres elas já oferecem soluções desde tempos imemoriais e ao mesmo tempo que elas oferecem, que elas são as grandes provedoras dessas soluções, a gente tem dados que apontam que as mulheres contribuem com cerca de 1/3 da força de trabalho mundial na agricultura, por exemplo, mas que elas representam apenas 12% em termos de propriedade de terra, né, somente 12% dos proprietários de terra são mulheres, ainda que elas sejam contingente significativo da força de trabalho. Então, ainda que as mulheres, muitas vezes, elas sejam desproporcionalmente responsáveis por assegurar segurança alimentar, cuidado da família, recursos essenciais como água e etc, em alguns territórios e em alguns contextos, ou seja, são agentes ativos, no que se refere a essa ao provimento desses recursos essenciais, elas ainda não são tratadas dessa forma". **THINK-TANK SUL GLOBAL**

"hoje um dos nossos maiores focos, inclusive aquilo que a gente pensa que é a nossa maior contribuição pro debate que vai acontecer em torno da COP, é exatamente ajudar a dar visibilidade de uma forma bem concreta para as contribuições que esses povos e comunidades tradicionais têm do ponto de vista tanto da leitura do problema do clima, quanto de tecnologias sociais e formas de enfrentamento. E nesse papel acho que a questão de gênero, a importância da participação das mulheres, ela é fundamental, porque acho que inclusive filosoficamente, no fundo desse problema tem a política do descuidado. Quer dizer, a gente tá vivendo efeitos de políticas que nunca tiveram cuidado de olhar pro outro, pros outros e pensar as dinâmicas e de desenvolvimento a partir de uma lógica inclusiva. E acho que isso, querendo ou não, por tudo que a história mostrou, é uma coisa que vem sendo bem valorizada pelas mulheres de uma forma como no geral não é. Então, para nós fica cada vez mais evidente que não há solução que não passe por um espaço de participação, de incidência, de liderança mesmo das mulheres." **SOCIEDADE CIVIL AMAZÔNICA**

"A Amazônia, ela é uma floresta cultivada, ela é uma floresta que é fruto de sistemas agrícolas tradicionais e de manejo dos povos indígenas e das comunidades tradicionais. Então, hoje o que a gente vê é que para conservar floresta, muitas vezes o discurso é: precisamos conservar as florestas para os povos indígenas. Não: precisamos assegurar os modos de vida dos povos indígenas para que a floresta exista e siga conservada, porque a floresta depende desses sistemas de manejo tradicionais. E aí em todas as sociedades, claro, tem muitos papéis históricos das mulheres, culturais das mulheres dentro desses sistemas de

produção, né, a parte de coleta de sementes, melhoramento de sementes, roças, que garantem essa diversidade.” **SOCIEDADE CIVIL AMAZONICA**

Exemplos de iniciativas lideradas por mulheres

- Planos comunitários de adaptação em Recife (Ibura / Caranguejo Tabaiares): mulheres lideram mapeamento de risco com drones, pluviômetros de baixo custo e hortas em áreas vulneráveis.
- Topia Negra (Amapá): Coletivo com mulheres negras à frente instalou solução de fossa séptica e acesso à água em escola pública, em parceria com a Embrapa.
- Agroflorestas e alimentação de terreiros (São Paulo): mulheres de comunidades tradicionais e religiosas estruturam agroecologia urbana para segurança alimentar, água e microclima.
- Redes de sementes e planos indígenas de adaptação (Amazônia): lideranças femininas conduzem diagnósticos, formam redes e implementam planos climáticos.
- Rede de Parteiras Tradicionais (Acre/ Amazônia): mapeia e forma parteiras e integra saúde territorial, inclusive atendimento fluvial.
- Aquarela Pantanal (MS/MT): mulheres à frente de viveiros comunitários produzem mudas para restauração e monitoramento.
- CFAL — Cadastro de Fogo e Agricultura de Baixo Impacto (MS): ferramenta construída com forte liderança feminina para manejo adaptativo do fogo e adotada pelo governo estadual.
- Energia Solar Comunitária (N/NE e GO): redes de mulheres se formam em instalação/manutenção fotovoltaica e gestão associativa.
- Frente da Mulher Catadora (SP e RJ): articulação de cooperativas femininas de reciclagem com compras públicas e canais de comercialização.
- Cadeias da Sociobiodiversidade (Amazônia)
- Biojoias e Tecelagem com intercâmbio entre etnias (Amazônia): mulheres estruturam design, produção e venda de biojoias e tecidos tradicionais.
- Ideia Circular (Brasil): plataforma liderada por mulheres que difunde economia circular.
- Instituto Talanoa / LACLIMA / Centro Brasileiro de Justiça Climática / Empodera Clima: organizações femininas de advocacy e produção de conhecimento que traduzem negociações climáticas, formam lideranças e pautam justiça climática com recorte de gênero e raça.
- Women in Energy (Brasil): redes de mulheres no setor de energia focadas em mentoria, visibilidade e portas de entrada num campo masculinizado.
- Itaú Mulher Empreendedora (nacional, com BID/IFC): programa com liderança feminina que integra inclusão financeira, capacitação e métricas de

diversidade. Fomenta negócios de mulheres e conecta crédito a resultados sociais e ambientais.

- Fóruns e redes de liderança indígena: mulheres ocupam posições de comando em defesa de território, saúde e governança.

3. Barreiras e oportunidades

Obstáculos que limitam o protagonismo de mulheres

Os obstáculos e barreiras que limitam o protagonismo de mulheres referem-se a estruturas de poder desiguais, limitações materiais e de tempo, barreiras de acesso ao financiamento e à informação, e falta de suporte efetivo (cuidado, equipes, saúde mental). Em comum, as entrevistadas afirmam que o protagonismo das mulheres não depende de "motivação individual", mas de condições estruturais: políticas de cuidado, financiamento acessível, redes de mentoria e visibilidade, e um contexto institucional que reconheça o cuidado e a governança local como inovação.

1) **Barreiras estruturais e culturais, que reforçam a invisibilidade das mulheres em espaços públicos:** o patriarcado, como orientador de práticas sociais e institucionais, ainda estrutura o campo produtivo e o campo climático, manifestando-se como: a masculinização de espaços de decisão, onde mulheres são minorias ou possuem participação apenas simbólica, não espaço efetivo de voz. Falta de reconhecimento do trabalho de mulheres, especialmente no que tange aos trabalhos reprodutivos de cuidado, aos trabalhos na agroecologia e na organização da comunidade. São atividades ainda vistas como assistenciais, e não como integrantes da economia. Ambientes técnicos e políticos com linguagem excludente e refratários à escuta de mulheres. Entrevistadas citam que mulheres que já lideram práticas de transição local não se reconhecem como empreendedoras nem são reconhecidas como tais, o que perpetua a concentração de recursos e legitimidade (síndrome da impostora). Falta de referências de empreendedorismo feminino na área do clima.

2) **Desigualdade de tempo, renda e acesso a recursos**: há forte consenso entre as entrevistadas de que o tempo é um recurso escasso para as mulheres e um grande – senão o maior – obstáculo prático ao protagonismo feminino. A jornada tripla (trabalho, casa, economia do cuidado), acentuada pela ausência de infraestruturas de cuidados, tais como creches, serviços de apoio a idosos, serviços de cuidados em saúde, etc., inviabilizam a presença de mulheres em cargos, cursos, reuniões, espaços de discussão, dentre outros. Como consequência, tem-se também os obstáculos a financiamentos, uma vez que muitos editais ou linhas de créditos exigem históricos ou garantias que as mulheres não possuem por não disporem de tempo para se engajar em uma série de atividades.

3) **Concentração de informações:** editais, cursos, linhas de crédito, programas públicos e parcerias costumam circular em redes fechadas — acadêmicas, governamentais ou empresariais — localizadas majoritariamente no Sul e Sudeste, o que exclui mulheres de territórios amazônicos, periféricos e rurais. A falta de transparência e de canais acessíveis faz com que apenas quem já está conectado a instituições ou redes formais consiga se beneficiar. Essa assimetria de informação gera um "efeito funil": poucas mulheres acumulam acesso a projetos, visibilidade e financiamento, enquanto a maioria permanece invisível.

4) **Insegurança jurídica e financeira em comunidades tradicionais:** A baixa autonomia financeira e a insegurança jurídica são apontadas como entrave profundo ao protagonismo feminino nas comunidades tradicionais, uma vez que muitas mulheres indígenas, ribeirinhas, quilombolas ou extrativistas atuam em territórios sem titulação formal, o que impede o acesso a crédito, seguros, políticas agrícolas, compras públicas e até cadastros básicos de produção. A informalidade as exclui de instrumentos econômicos e de proteção social. Além disso, essa condição as torna vulneráveis à grilagem, à violência e à perda de território, pois a falta de segurança jurídica bloqueia a capacidade de investir, planejar e herdar. As entrevistadas ressaltam que autonomia econômica só é possível com segurança territorial e reconhecimento jurídico coletivo, e que a regularização fundiária e o acesso à documentação devem ser vistos como políticas de base da transição justa.

5) **Sobrecarga**: a ausência de suporte institucional — administrativo, técnico e psicológico — transforma o protagonismo feminino em um fardo individual, produzindo cansaço, isolamento e adoecimento, especialmente entre as lideranças que acumulam múltiplas funções. Além disso, a falta de redes horizontais de troca condiciona as mulheres a ficarem isoladas em suas frentes locais.

6) **Obstáculos específicos em territórios tradicionais e periféricos**: nos territórios tradicionais e periféricos existe um conjunto de obstáculos estruturais e persistentes que limitam o protagonismo das mulheres. A distância geográfica, a precariedade da infraestrutura e o alto custo de transporte dificultam o acesso a formação, crédito e redes de apoio. A isso se somam violência de gênero, ameaças territoriais e deslegitimação política, que silenciam lideranças e inibem a participação em espaços de decisão. Muitas mulheres atuam sem apoio do Estado e sem políticas de permanência, o que as mantém em dependência e vulnerabilidade. Além disso, os convites simbólicos e a ocupação de espaços sem poder real de influência reforçam a sensação de isolamento.

7) **Narrativa liberal em torno do empreendedorismo**, que impede que mulheres se vejam como empreendedoras de soluções inovadoras.

8) **Racismo institucional** que inviabiliza que mulheres negras sejam vistas como protagonistas de soluções

9) **Falta de redes e mentorias. Falta de representatividade.** Poucas referências em empreendimentos femininos na área do clima isolam mulheres que estão dispostas a empreender. A baixa representatividade faz com que modelos tradicionais sejam repetidos, por falta de referências.

"A baixa representatividade ainda faz com que a gente repita modelos tradicionais, porque são os mais conhecidos e que a gente seja pouco inovador, porque a baixa diversidade faz com que a gente continue falar: "Não, isso aqui funcionou". É verdade que funcionou, mas para a outra metade você nem viu. E a gente não pode sentir falta daquilo que a gente não conhece. Então, para mim assim, um dos limites é esse". **EXECUTIVA EM FINANÇAS SUSTENTÁVEIS**

"O discurso de gênero, ele é relativamente reproduzido, mas na hora de olhar para uma mesa de debate, para a organização de um evento, para uma oportunidade, não necessariamente as pessoas estão realmente priorizando a participação, preocupadas com isso, entendendo que nós, infelizmente, ainda precisamos de ação afirmativa para isso. Vemos muitas mulheres em espaço de poder, mas essa conquista, o espaço para falar, para se posicionar, ela ainda é uma construção constante". **SOCIEDADE CIVIL AMAZÔNICA**

"eu acho que a gente tem e os desafios que são estruturantes, mas que acabam exercendo ainda mais peso quando a gente fala, dentro desse recorte de gênero, dentro desse recorte das mulheres. Então, eu acho que primeiro a gente tem, dificuldade de levar em conta as experiências cotidianas, as experiências dos territórios, as experiências femininas, para esses espaços de tomada de decisão política". **THINK-TANK SUL GLOBAL**

"dinheiro falta, mas ele sozinho não resolve, tecnologia falta, mas ela sozinha não resolve. Então, para mim, tudo tem muito sempre a ver com a questão da governança, e aí eu acho que é importante pensar que mesmo que você esteja dizendo: "Ah, quero apoiar o empreendedorismo das mulheres para que elas gerem tal", tudo bem. Mas não basta ela ser uma empreendedora. Se se esse apoio não vem junto de um apoio para uma ação, um trabalho de fortalecimento das organizações, da coletividade, do trabalho das mulheres, o engajamento em redes de mulheres que ajudem a empoderar e fortalecer, ou seja, a perspectiva da política e do fortalecimento da ação, seja das mulheres individualmente ou das organizações, ele precisa estar presente". **SOCIEDADE CIVIL AMAZÔNICA**

"o financiamento não é o único dispositivo de justiça climática, mas é um dos que a gente tem uma certa facilidade de mensurar, e com base nessa métrica, a gente entende que isso não está funcionando de forma igualitária, de acordo com representatividade das mulheres. Uma outra questão que eu acho que vale a pena a gente abordar é que as mulheres são subrepresentadas politicamente, a gente já sabe disso, mas elas também são subrepresentadas no que se refere ao processo de tomada de decisão sobre clima em todos os níveis. E mais uma vez, embora elas sejam fontes importantes de solução e de liderança, a maioria das iniciativas climáticas não levam necessariamente em conta a

experiência das mulheres, as demandas, os conhecimentos das mulheres e das meninas também, acho que é importante a gente também ter esse recorte da juventude, então a importância e o reconhecimento dessa participação para que as soluções sejam tratadas". **THINK-TANK SUL GLOBAL**

"Boa parte das pequenas empreendedoras também vêm de uma condição social menos favorecida e isso implica em obstáculos materiais para elas se dedicarem aos seus negócios. E, um deles é a pobreza de tempo. E as mulheres têm a famosa tripla jornada, né? E, então vai trabalhar, que já é uma jornada, cuida das crianças, é outra jornada, cuida da casa, é outra jornada. Se tiver idoso, se tiver pessoas doentes, normalmente são elas que têm essa sobrecarga do cuidado, né? A gente usa essa expressão e isso gera uma situação crônica das mulheres. Isso é mensurável, tá? O Brasil é um dos países que tem menos estatísticas, mas ainda assim a gente consegue medir, é a quantidade de horas que as mulheres dedicam aos cuidados da casa, dos filhos em comparação aos homens. E lógico que isso tem interseccionalidades, porque as mulheres e negras têm isso de forma ainda mais visível, né? E então essas interseccionalidades são importantes também, mas isso gera uma restrição material, que é as mulheres têm pobreza de tempo, elas não têm tempo para se dedicar aos negócios, elas e não têm tempo para se capacitar, porque elas têm justamente essa sobrecarga, é socialmente atribuída às mulheres a função de cuidar do lar, lavar a roupa, limpar casa, e cuidar dos filhos" **ORGANISMO INTERNACIONAL**

"Acho que essa coisa da mentoria também, assim, é uma barreira e é uma solução, né? Mas é uma barreira para quem não tem, porque eu acho que tem alguém que te conhece, que vai te dar esse apoio, né? É uma questão de redes e de mentorias, das pessoas estarem ao seu lado falando: "Não, você tem potencial, você vai dar conta, você consegue fazer". **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

"As mulheres têm uma barreira grande, inclusive quando a gente discute crédito, porque muitas vezes as propriedades não estão nos seus nomes, então até para você oferecer garantia de empréstimos, é difícil. E são linhas de crédito quando estão disponíveis que são pensadas para negócios grandes, que exigem garantias grandes. Então essa pequena economia movida pelas mulheres acaba ficando às vezes excluída pelas regras burocráticas que são colocadas, pelas exigências de contrapartidas que são colocadas'. **JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS**

"A segunda grande barreira é o racismo mesmo institucional, que inviabiliza que essas mulheres sejam vistas como protagonistas de soluções, que sejam vistas como lideranças empreendedoras de tecnologias, porque muitas vezes está marcado no corpo, né, dessas mulheres um lugar de militantes, um lugar de denunciantes das injustiças e não de promotoras de solução" **JOVEM NEGRA**

"eu começo pela síndrome da impostora. Eu acho que a maior parte das mulheres têm total capacidade, potencial e não acreditam em si mesmas, não tem coragem. Eu pensei muito antes de dar espaço de fazer assim, vou fazer uma organização, porque acho que a sensação é essa, você primeiro pensa em tudo que vai dar errado. Você pensa: "Ah, mas aí vai que não decola, vai que eu não consigo captar o suficiente, vai que as pessoas não acreditam em mim". Tem tantos nãos que vêm antes do sim que eu acho que isso acaba

desmotivando a gente, fazendo com que a gente não siga adiante" **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

"Eu acho que um desafio, um obstáculo ainda é essas panelinhas, essa predominância de homens em cargos mais altos, né, e de eventos em que você ainda não tem essa sensibilidade de procurar uma representatividade, né? A gente teve uma experiência recente do Fórum Mundial de Economia Circular, que foi bem chocante assim para mim, para essas outras mulheres que estão nesse movimento, que foi uma cerimônia de abertura que era um homem depois do outro falando e foi a cerimônia de abertura que era mais importante, né? A plenária de abertura e só tinha homens". **ECONOMIA CIRCULAR**

"Eu acho que esse lugar de empreendedorismo, ele é muito cooptado pelas narrativas liberais e muitas vezes distorce e inviabiliza que as mulheres que estão produzindo soluções nos territórios se vejam como empreendedoras de soluções inovadoras, que poderiam estar captando recursos a partir de diversos financiamentos aí para suas soluções, mas que por conta de toda essa narrativa liberal em torno do empreendedorismo, que sempre coloca o lugar do empreendedor como um lugar branco, elitista dentro dos centros urbanos, inviabiliza que as mulheres se vejam nesse lugar, né?" **JOVEM NEGRA**

"A gente tem um desafio de partida na agenda climática, que é na ausência de uma estratégia explícita de inclusão de mulheres. Essa é uma agenda que tende a agravar as disparidades de gênero nos mercados de trabalho. Então assim, investimentos massivos em energias renováveis que não venham acompanhados de uma estratégia de inserção de mulheres, eles vão continuar criando desproporcionalmente mais empregos para homens do que por mulheres. Então ela é uma agenda que ela não é neutra do ponto de vista de gênero." **ORGANISMO INTERNACIONAL**

"*Hoje nós temos muitas referências de clima no Brasil que são mulheres, mas de empreendedorismo feminino eu acho que é menos, né? Então assim, eu até vejo que na área de clima tem várias mulheres. Eu não vejo já tanto a questão de gênero, de forma representativa, seja algo tão forte quanto nos setores de energia, infraestrutura, agricultura. Em clima, eu acho que a gente conseguiu, eu acho que tem uma representatividade muito positiva das mulheres, mas não no empreendedorismo climático, porque empreender não é visto como algo um espaço para mulheres, é visto como um espaço para homens".* **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

"Acho que o financiamento é a principal limitante, porque muitas vezes os recursos que chegam para essas soluções são recursos pequenos, recursos que não são contínuos, recursos que são disputados aí por outras milhares de soluções comunitárias que existem em outros territórios e que nunca alcançam grandes financiamentos para reforçar eh a organização de forma mais institucional para conseguir dar um apoio contínuo, para conseguir remunerar as pessoas que produzem essas soluções. Muitas vezes são de pequenos recursos, pequenos editais, pequenos prêmios que essas soluções tão importantes para a sobrevivência dos territórios vão acontecendo." **JOVEM NEGRA**

"A sobrecarga que as mulheres vivem por conta desse trabalho doméstico, essa dupla tripla jornada que que elas também atravessam, dificultam muitas vezes poder ter acesso à

informação, redes de conhecimento, conhecer pessoas que possam ajudar a abrir portas. Então, tem essa dimensão também de acesso a redes que é uma barreira que contribui para precarizar o empreendedorismo feminino" JUSTIÇA **E DIREITOS HUMANOS**

Oportunidades para ampliar o impacto das mulheres

As entrevistadas convergem em quatro impulsionadores principais para ampliar o impacto das mulheres: i) dispor de uma infraestrutura de cuidados para sanar a "pobreza de tempo" e viabilizar a participação das mulheres; ii) financiamento contínuo; iii) formação com linguagem simples e presença no território; e iv) redes para apoio operacional. Além disso, a integração das ações com a governança local, além do estabelecimento de metas além do carbono são condições fundamentais para a transição justa.

- **Infraestrutura de cuidados:** pilar concreto e urgente, pois não há participação plena nem protagonismo feminino sem enfrentar a "pobreza de tempo", causada pela sobrecarga com filhos, idosos e tarefas domésticas. Creches, centros de convivência e serviços de apoio psicossocial são vistos como infraestruturas econômicas, não apenas sociais, pois liberam tempo produtivo e permitem que as mulheres participem de forma contínua em capacitações, redes e políticas. Essa visão reposiciona o cuidado como condição de desenvolvimento, e não como obstáculo individual.
- **Financiamento contínuo**: visto como gargalo e como oportunidade para ampliar o impacto das mulheres. Mencionam a necessidade de múltiplos instrumentos financeiros com fluxos desburocratizados e garantias flexíveis, que considerem a realidade de empreendedoras sem histórico bancário ou CNPJ. Sugerem que bancos e empresas adotem critérios de diversidade e métricas socioambientais na concessão de crédito.
- **Formação prática, com linguagem simples e presença no território**: trilhas de formação que partem da realidade local, em termos de tempo, infraestrutura, saberes, fazeres, preferencialmente ministrados por pares, de modo que o conteúdo seja de uso imediato. Necessidade de traduzir, adaptar termos técnicos, ajustar formatos e garantir condições materiais, para que as formações caibam na vida das mulheres.
- **Redes para apoio operacional**: suporte na gestão e administração, uma vez que muitas iniciativas comunitárias e empreendimentos femininos não travam por falta de ideias, mas por falta de apoio e suporte, levando à sobrecarga e esgotamento das mulheres.
- **Ações afirmativas nas agendas verdes:** com metas de paridade, critérios de diversidade em editais, e assentos nas mesas de decisão.
- **Políticas de Estado de longo prazo**: políticas não pontuais, com presença territorial contínua e formuladas em conjunto com mulheres.

- **Compras públicas como mecanismo de tração econômica:** para mulheres organizadas em cooperativas e coletivos. Ao direcionar parte das licitações a grupos femininos, o Estado garantiria mercado estável e renda. Essa política também fortaleceria cadeias locais, reduziria atravessadores e transformaria o poder de compra público em instrumento direto de justiça econômica e climática.
- **Reconhecimento jurídico e de formas organizativas locais:** para acesso a programas e crédito.
- **Trabalho e articulação em rede:** viabilização da capilarização dos conhecimentos e troca de saberes e ocupação de espaços internacionais, que geram oportunidade de escalar soluções. Oportunidade de mulheres se conectarem não sé entre si, mas com redes econômicas, políticas, que possam alavancar sua voz e seus negócios.
- **Dar visibilidade** para mulheres que realizam empreendedorismo social na área do clima.

"Eu acho que uma oportunidade muito grande é dar visibilidade. Eu acho que assim, todas essas mulheres, algumas já são muito conhecidas no meio do clima, mas não no meio do empreendedorismo social, não no meio do setor privado, às vezes, ou do setor financeiro ou da parte também do setor público, do próprio governo. Então, dar visibilidade, onde estão essas mulheres. Então, às vezes ter listas, ter catálogos, ter, né, no site recursos e ter uma lista de mulheres. Eu acho isso muito importante, porque visibilidade é tudo. **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

"as melhores experiências que a gente tem são as experiências em que você trabalha coletivamente num dado território com espaços de governança múltiplos e mais gerais no geral, inclusive em redes, né? Então, a gente tem, por exemplo, um trabalho que envolve diferentes regiões e comunidades. Em cada local a gente tem um trabalho com os coletivos de mulheres, apoiando e fortalecendo elas e ajudando que elas vão galgando esses espaços de liderança nas associações que antigamente eram majoritariamente masculinas, e promovendo o estabelecimento de redes com outros territórios em torno de diferentes temas, mas onde você estabelece essa possibilidade de conexão, também com outras pessoas." ***SOCIEDADE CIVIL AMAZONICA***

"O trabalho em rede hoje, essas mulheres, essas organizações que elas lideram estão atuando em muitas redes, o que viabiliza a capilarização desses conhecimentos, a troca de saberes, a visibilidade delas para as autoridades, inclusive nos espaços internacionais (...). Então, acho que essa é uma grande oportunidade de conseguir escalar essas soluções. Acho que também todo o acesso a novos conhecimentos que essas trocas geram também permitem que essas mulheres consigam estabelecer de forma mais contínua, institucionalizada suas soluções". **JOVEM NEGRA**

4. Estratégias e inovações

Políticas, práticas e formas de apoio para integrar justiça climática, transição justa e igualdade de gênero

As entrevistadas convergem que a integração entre justiça climática, transição justa e igualdade de gênero começa por políticas estruturantes: infraestrutura de cuidados (creches integrais, apoio a idosos e saúde mental) para enfrentar a "pobreza de tempo"; ações afirmativas e metas de paridade em programas verdes; e reconhecimento jurídico e territorial que permita às mulheres acessar crédito, compras públicas e proteção social. Esse tripé — cuidado, paridade e segurança jurídica — é visto como política econômica, não apenas social.

- **Política públicas desenhadas a partir dos aprendizados comunitários** e do protagonismo das mulheres.
- **Infraestrutura de cuidados** como política econômica essencial para liberar o tempo das mulheres e garantir participação produtiva e política.
- **Ações afirmativas e metas de paridade** em todos os programas de transição verde e climática, com indicadores de diversidade e *accountability*.
- **Planos de transição justa com recorte de gênero e território**, desenhados de forma participativa, incorporando modos de vida e economias locais.
- **Compras públicas e incentivos fiscais** voltados a iniciativas lideradas por mulheres.
- **Diagnósticos de vulnerabilidade climática** como ponto de partida obrigatório para políticas e editais.
- **Governança compartilhada**: envolver mulheres de base, governos locais, universidades e setor privado em conselhos e fóruns deliberativos.
- **Mapeamento** para identificar coletivos e lideranças femininas e orientar recursos conforme a realidade territorial.
- **Metodologias de escuta** como instrumento oficial de desenho de políticas.
- **Hubs intersetoriais permanentes** que combinem formação, tecnologia e financiamento — substituindo projetos pontuais por programas contínuos.
- **Monitoramento participativo** com devolutiva às comunidades e indicadores que valorizem bem-estar, renda não monetária e permanência no território, além do carbono.
- **Crédito, "microbolsas" e garantias simplificadas** para mulheres e coletivos informais.
- **Financiamento híbrido** para infraestrutura produtiva.
- **Subvenções à inovação** com metas de inclusão e foco em tecnologias como agroecologia, energia solar e circularidade.
- **Linhas específicas de capacitação e P&D aplicados**, conectando universidades, IFs e arranjos locais.

- **Políticas de comunicação e letramento climático** acessíveis, com materiais em linguagem simples e formatos regionais.
- **Arranjos intersetoriais.**
- **Incentivar uma cultura pró-empreendedorismo,** que atinja os jovens, estabelecer incentivos para o terceiro setor, fortalecer empresas jr.
- **Estabelecer recorte de gênero** em políticas de transição energética. Sugestão de investir na formação de promotoras legais populares para ampliar a consciência comunitária sobre energia, consumo e soluções adaptativas

"A gente precisa começar a desenhar as políticas públicas primeiro a partir dos aprendizados que essas organizações comunitárias têm e não a partir do desejo e da cabeça dos técnicos dentro das secretarias. Eu acho que é essa mudança que falta pra gente conseguir, ter políticas que de fato consigam interseccionalizar todas essas agendas e garantir um protagonismo das mulheres, um protagonismo de gênero que seja efetivo para a transformação que a gente precisa. A gente tem políticas que hoje fazem um bom diagnóstico sobre o papel das mulheres nos territórios, mas que na hora da implementação não levam em consideração esse protagonismo." ***JOVEM NEGRA***

"Se a gente for pegar qualquer liderança bem informada do movimento de mulheres hoje, o que que tu pensa da transição de combustíveis fósseis para uma energia limpa? A pessoa não vai saber nem por onde começar, porque nem o que que é combustível fóssil, nem uma vaga ideia e tal. Então, neste campo, eu acho que tem um grande trabalho de informação para ser feito, que é o que a gente tá tentando fazer. E eu tive essa experiência muito forte nos últimos 30 anos de empoderamento jurídico, comunitário, empoderamento legal, conhecimento e direitos. E eu acho que isso catapulta, assim, alavanca mudanças mais estruturais. Então, se houvesse um recurso minimamente consistente, eu investiria em fazer uma formação em larga escala dessas mulheres que são promotoras legais populares". **DEMOCRACIA E GÊNERO**

"Uma condição que eu vejo fundamental para superar essa barreira estrutural da pobreza do tempo é essa infraestrutura dos cuidados. É mais creches e de tempo integral, mais centros de atenção aos idosos, e espaços que realmente o estado assume parte dessa carga, desse tempo que originalmente ficaria no colo das mulheres. E, então acho que isso assim eu vejo que uma condição muito importante para negócios, micro e pequenos negócios, porque a maior parte dessas mulheres enfrenta esses desafios". **ORGANISMO INTERNACIONAL**

"nós trabalhamos com o território indígena, né? Mas nós não falamos pelo território indígena. Quem fala por eles são eles mesmos. O grupo de mulheres, quem fala por elas são elas mesmas. Então tem que dar condições para que essas pessoas estejam nesses espaços. Aí quando a gente fala processos formativos, tem o processo formativo que necessariamente passa por cadernos, livros, escrita, outros processos formativos, não. Outros processos formativos é a oralidade, tá? Então assim, a estratégia precisa perpassar, pelas diferentes formas, não é único, não é simplesmente fazer uma capacitação para indígenas, os indígenas não falam português, não leem português. Outra questão, por exemplo, que é como garantir que a participação seja qualificada, que quem está ali tenha condições de participar, por exemplo, a pessoa é catadora de reciclável, eu tenho uma

catadora de reciclável participando de um curso, ou um debate sobre vulnerabilidade. Só que essa pessoa, essa catadora, ela deixou de cantar durante um dia, 2 dias, 10 dias e ela não tem como levar a subsistência para a família." **PANTANAL E BIOMAS**

Experiências inovadoras de referência para o Brasil

Em síntese, as entrevistas citam experiências relacionadas a dois eixos: experiências institucionais e de financiamento e experiências territoriais e comunitárias. Em comum, estas iniciativas têm como foco a presença continuada no território, a integração de saberes e a redistribuição de recursos e poder.

Alguns dos exemplos citados:

- Dinamarca – políticas públicas integradas de sustentabilidade e alimentação: programas nacionais de hortas comunitárias, agricultura orgânica e consumo responsável.
- União Europeia – Green Deal e Transição Justa: articulação entre financiamento climático, requalificação profissional e paridade de gênero.
- Estados Unidos – ecossistema de apoio a mulheres em inovação climática: forte filantropia universitária, editais de pesquisa para mulheres empreendedoras.
- *Women and Gender Constituency* (UNFCCC) – rede internacional de *advocacy* feminina em negociações climáticas, com monitoramento de gênero nos acordos e apoio a delegações do Sul Global.
- Ellen MacArthur Foundation – estrutura global de disseminação da economia circular, com enfoque em formação e design de produtos sustentáveis.
- Políticas de inovação em gênero e clima na Colômbia e Chile – exemplos de governos latino-americanos que articulam gênero, finanças verdes e desenvolvimento produtivo local.
- Aquarela Pantanal – iniciativa de restauração ambiental que busca recuperar o bioma Pantanal através da produção e plantio de mudas nativas, se destacando pelo protagonismo feminino, com capacitação de famílias pantaneiras para a produção de mudas em viveiros locais.
- CFAL – Cadastro de Fogo e Agricultura de Baixo Impacto – ferramenta participativa de manejo adaptativo do fogo, criada com comunidades e adotada pelo governo estadual no MS.
- Planos comunitários de adaptação em Recife – redes locais de mulheres com mapeamento de risco, hortas e saneamento, com foco antirracista.
- Utopia Negra (AP) – juventudes e mulheres negras instalando saneamento ecológico e sistemas de água em escolas públicas, com apoio da Embrapa.

- Rede de Mulheres na Energia Solar (GO, MA, AM) – iniciativas comunitárias de energia renovável com formação técnica e gestão associativa.
- Frente da Mulher Catadora (SP e RJ) – articulação de cooperativas femininas de reciclagem com compras públicas e campanhas de visibilidade.
- Cadeias da sociobiodiversidade amazônica – piprioca em Cotijuba (PA), óleos, castanha, marchetaria e biojoias conduzidos por mulheres e comunidades tradicionais.
- Projetos de agroecologia e produção orgânica com mulheres do semiárido e da Amazônia
- Instituto Talanoa, Empodera Clima e LACLIMA – iniciativas de advocacy e produção de conhecimento sobre clima e gênero.
- Itaú Mulher Empreendedora – modelo de finanças inclusivas com parceiros multilaterais.
- Fórum de Lideranças Yanomami e redes de mulheres indígenas – articulação política para autonomia e proteção territorial.
- Redes de sementes (RCA/Redário) – modelo de governança e troca de saberes entre comunidades e organizações.
- Arranjos produtivos intersetoriais (cooperativas + governos + empresas sérias) – compras públicas, EPIs e marketing para catadoras e agroextrativistas.

5. O papel do Sebrae e das parcerias

Formas de contribuição do SEBRAE

As entrevistadas veem o Sebrae como ator estratégico para transformar a agenda climática em prática concreta no cotidiano das mulheres empreendedoras. Seu papel central seria traduzir e capilarizar o tema, tornando-o acessível por meio de linguagem simples, metodologias práticas e presença territorial. Em vez de atuar de forma pontual, o Sebrae deveria funcionar como “agente de campo”, a exemplo dos programas de saúde da família, levando capacitação, informação e apoio técnico a comunidades, cooperativas e empreendedoras que não conseguem chegar às instâncias institucionais. Essa aproximação territorial permitiria identificar perfis e necessidades diversas e adequar o conteúdo à realidade produtiva de cada contexto.

Outra contribuição estratégica apontada é o letramento climático e a capacitação técnica e financeira. Na opinião das entrevistadas, o Sebrae poderia criar trilhas de formação integradas, combinando noções de sustentabilidade, finanças verdes, adaptação e inovação com ferramentas de gestão, marketing e crédito. Essa formação poderia vir acompanhada de linhas de financiamento, de modo que o aprendizado se converta em oportunidade econômica real. Além disso, as entrevistadas destacam a necessidade de o Sebrae atuar como tradutor, conectando universidades, institutos

federais e empreendedoras na criação de soluções tecnológicas apropriadas para suas demandas locais.

As entrevistadas também esperam que o Sebrae fomente programas de longo prazo, ao invés de projetos isolados. Projetos que tenham acompanhamento, indicadores claros condizentes com a temática e recursos.

Outro ponto de contribuição do Sebrae poderia ser o mapeamento e a conexão entre redes de mulheres e empreendimentos sustentáveis, com financiadores e políticas públicas. Essa mediação permitiria ao Sebrae ser um viabilizador de políticas estruturantes, ajudando governos e empresas a direcionar investimentos para cadeias lideradas por mulheres.

O Sebrae deveria buscar conhecer os territórios e compreender os diversos tipos de arranjos e empreendedorismos que existem, para além do modelo mais urbano. Entrevistada faz uma crítica citando as propagandas do Sebrae que anunciam capacitações. Para ela, se capacita quem é "incapacitado", o que muitas vezes não é o caso de diversas comunidades, por exemplo, na Amazônia, que tem seus saberes-fazeres e suas práticas internas.

Por fim, as entrevistadas apontam que o Sebrae tem potencial de ser um catalisador de equidade e inovação, desde que adote uma abordagem transversal de gênero. Isso inclui incorporar critérios de diversidade em editais, oferecer apoio operacional e jurídico às empreendedoras, e reconhecer o cuidado como dimensão produtiva, apoiando infraestruturas de cuidado.

"o Sebrae poderia primeiro ter uma capilaridade maior, né? Então, ter um mapeamento, tem uma cartografia das mulheres empreendedoras na Amazônia, né? E a partir daí estabelecer parcerias com as OSCs, as organizações da sociedade civil. Essa é uma é uma lacuna ainda do Sebrae, e estabelecer essa parceria é muito importante, porque afinal nós estamos lá nos nossos territórios, nós estamos na ponta." **INDIGENA AMAZÔNICA**

"tem essa visão ainda muito do setor privado empresarial de enxergar impacto como número, enquanto as pessoas que trabalham com clima tão falando de impacto qualitativo, tão falando de impacto transformador e estão falando de impacto a longo prazo. Então para a gente não interessa do tipo assim necessariamente tá trabalhando com números grandes, trabalhando com e aí também vem essa visão de mudança climática, ah, mitigação, ela aí tem muito isso, né? Tem muito financiamento que é para ideias assim na área de energia, você tá com alguma ideia que vai reduzir emissões, aí as pessoas esquecem que treinar as pessoas que vão pensar também nessas soluções é tão importante quanto porque você tem vário, você tem muito potencial que acaba não sendo aproveitado porque não se dá o valor, né, dessa questão das capacitações, da assistência técnica, né, de ensinar, né, mulheres a acreditarem em si mesmas. Isso tem um valor tão grande. E é isso, como é que eu consigo explicar esse tipo de coisa? Então assim, eu enxergo que o Sebrae é como um vetor de transformação nesse sentido de poder não só ser um espaço para ensinar esses tipos de variáveis que no mundo do empreendedorismo são tão claros para quem visa o lucro, mas tentar repensar eles de uma forma mais transformacional,". **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

"precisa que se tenha diferentes linguagens, diferentes, no sentido literalmente assim, né, uma coisa é trabalhar com urbano, outro com ribeirinho, são diferentes nuances para cada segmento. (...) minha concepção de Sebrae era muito a capacitação específica pro

mercado, né? Então assim, esses empreendedores estão além do mercado, né?" **PANTANAL E BIOMAS**

"eu acho que o Sebrae tem que vir até nós com oportunidades só para mulheres, entendeu? Assim, essa oportunidade, esse edital, esse curso, esse evento, a gente tá fazendo só para mulheres empreendedoras, marque suas amigas. Eu acho que falta um pouco desse chamado, porque as mulheres não se entendem como empreendedoras" **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

"eu acho que tem uma coisa que é que é importante, que é o tempo e o entendimento das lógicas locais, e o desenvolvimento de uma certa flexibilidade para atendimento daquelas demandas. Então, eu acho que talvez não conheço o SEBRAE nessa profundidade, mas o que eu fico imaginando é que talvez seja necessário, em alguns casos, ampliar um pouco o leque de alternativas em termos de metodologias e modelos que você usa para que você tenha um repertório mais diverso, que esteja mais apto a ser adaptado a cada realidade. Porque a verdade é que não existe uma solução em escala, e soluções que são muito boas e funcionam bem num certo ambiente, às vezes mais próximo de uma área urbana, com melhor infraestrutura, elas não vão funcionar de outra maneira. E aí eu acho que tem uma coisa de uma visão geral que é o seguinte, quer dizer, a crise climática ela vem como resultado de um modelo, de desenvolvimento que tem a tendência em destruir a diversidade para hegemonizar a paisagem, a produção em poucos produtos. Mas exatamente por isso, eu tô convencida de que a solução para a questão climática é a diversidade, é retomar uma perspectiva de diversidade. Então a solução nunca vai ser uma solução única" **SOCIEDADE CIVIL AMAZÔNICA**

"Eu acho que [O SEBRAE] teria que fazer é popularizar o conhecimento. Isso significaria assim, nas 27 unidades do Sebrae pelo país fazer um termo de cooperação com algumas organizações para fazer isso nas redes de agricultura familiar, promotoras legais populares, agentes comunitários de saúde (...) fazer um programa de formação que envolva o por que o clima tá mudando, quais são os fatores estruturais, o que que a gente tem de cardápio, de soluções para tentar enfrentar isso e como que a gente pode se engajar individual e coletivamente em nossa comunidade." **DEMOCRACIA E GENERO**

"Eu acho que do ponto de vista da capacitação, seria fundamental do letramento climático, Eu acho que o SEBRAE poderia ter um papel crucial, eu acho que a gente precisa de mudanças macro e aí a gente tem uma série de propostas para isso. Por exemplo, como que a gente simplifica os acessos, os procedimentos para que para garantir acesso a financiamento climático, por exemplo, o acesso a algum fundo de financiamento climático, algum fundo de adaptação ou fundo de perdas e danos, etc. Mas, por outro lado, a gente também precisa da capacitação. Então para as pessoas realmente entenderem o que que é a crise climática, como que a crise climática me afeta, quais são os mecanismos que eu tenho". **THINK TANK SUL GLOBAL**

"muitas das vezes a comunidade já tem as respostas, e vem sendo muito interessante como que a gente vem percebendo como que as comunidades se adaptam de forma muito eficiente, tanto porque elas conhecem a realidade do território, como também porque muitas vezes elas não contam com mais ninguém, elas não contam com o estado, a depender da sua localidade. Então, realmente inventam soluções criativas para dar conta da adaptação climática, para tentar responder a maneira como o clima já dificulta as suas vidas, já cria desafios para as suas vidas. Então, como que isso, por exemplo, pode ser

colocado como um exemplo bem-sucedido dentro desse programa de políticas públicas? Como que isso pode ser utilizado, pode ser financiado, pode ser colocado dentro do arcabouço das políticas, seja dos municípios, seja, dos governos do estado, governo federal e etc". **THINK TANK SUL GLOBAL**

"Então tem algumas transformações que já são irrefreáveis, né, notadamente no campo da sustentabilidade, no campo digital, que o SEBRAE pode ter um papel estratégico, né, e mapear que negócios do futuro são esses, que tipos de gaps, e, de lacunas que eles têm, como que ele pode, eh, apoiar esses empreendimentos e aí com foco em mulheres liderados por mulheres, e para que elas possam usufruir dessas oportunidades, né, eh de ter modelos de negócios prósperos, e sustentáveis, que certamente vai ter oportunidades abundantes aí no futuro, especialmente em decorrência da COP 30". **ORGANISMO INTERNACIONAL**

"a crise climática afeta pessoas de forma diferente, especialmente se essas pessoas estão em condição mais vulnerável no Brasil, em outros países também, considerando outras camadas de desigualdade, sejam elas de raça, etnia, classe, renda, território. Então, essas pessoas elas entendem quais soluções elas precisam. E eu venho muito de uma perspectiva, né, de cooperação internacional, em que eu vi vários projetos darem errado, muito dinheiro que vai para soluções que não são aplicáveis, então são soluções que a gente dentro de um escritório pensa sem consultar as comunidades. E eu acho que uma coisa muito forte que tem acontecido nos últimos anos no Brasil, especialmente depois da pandemia, tem sido realmente esse movimento, das comunidades, das organizações estarem à frente, né, de encontrar soluções pros seus territórios e na maior parte das vezes, tendo em vista a questão da justiça climática, democratizando, o acesso à informação, que é uma coisa muito importante, na área de clima acaba virando uma bolha, né, acho que só quem estuda, esse doutorado que vai ter acesso a isso. E é muito importante traduzir isso para todos os grupos de forma democrática" **JOVEM LIDERANÇA EM ENERGIA**

Parcerias para potencializar o impacto das mulheres na agenda climática

As entrevistadas veem nas parcerias a principal via para consolidar a transição justa: governos garantiriam políticas e permanência; empresas e bancos garantiriam recursos e tecnologia; sociedade civil garantiria legitimidade e capilaridade; e organismos internacionais garantiriam escala e intercâmbio. O Sebrae é visto como o nó articulador que conecta todos esses atores, traduzindo agendas globais em soluções locais.

- **Parcerias com governos (federal, estadual e municipal):** para implementar políticas públicas de transição justa com recorte de gênero e território; para integrar o Sebrae a programas de compras públicas sustentáveis; para atuar junto a Ministério das Mulheres, MDIC, MMA e MCTI na criação de linhas de crédito e capacitação verde; para fazer parcerias com prefeituras para garantir presença territorial, acesso à infraestrutura e programas contínuos de apoio; para cooperar com a regularização fundiária e jurídica em comunidades tradicionais.

- **Parcerias com o setor privado e financeiro:** para criação de fundos de investimento e microcrédito para negócios verdes liderados por mulheres; para cooperação com bancos públicos e privados para linhas de crédito com garantias flexíveis e metas de gênero/clima; para parcerias com empresas comprometidas com ESG e circularidade para inclusão de empreendedoras nas cadeias de fornecimento; para apoio de institutos empresariais e filantropia corporativa para formação técnica e mentoria; para integração com programas de responsabilidade social de empresas para incubar programas e projetos de mulheres.

- **Parcerias com sociedade civil e redes territoriais:** para atuar junto a redes de mulheres indígenas, quilombolas, catadoras, ribeirinhas e periféricas para fortalecer a governança comunitária; para cooperação com ONGs e institutos locais para formação e articulação regional; para apoio a redes de sociobiodiversidade; para parceria com universidades, institutos federais e Sistema S para levar P&D apropriado e soluções tecnológicas ao território; para desenvolvimento de um conjunto de protocolos comunitários e metodologias participativas.

- **Parcerias com organismos internacionais e multilaterais:** para cooperação técnica e financeira com ONU Mulheres, PNUD, BID, IFC, União Europeia e WGC/UNFCCC; para acesso a fundos climáticos globais e fundos internacionais para empreendimentos femininos de adaptação e mitigação; para intercâmbio de boas práticas regionais sobre transição justa e gênero; para participação em redes globais de finanças sustentáveis e economia circular.`

- **Parcerias público-comunitárias**: cooperação dos órgãos públicos com organizações comunitárias.

- **Outras parcerias**: criação de hubs intersetoriais permanentes para formação, e financiamentos; parcerias para mapeamento para identificar coletivos femininos e empreendimentos verdes; parcerias voltadas à visibilidade e comunicação das agendas, como campanhas, catálogos, etc.; parcerias par acordos de cooperação técnica de longo prazo, substituindo projetos curtos por programas estruturantes com métricas e acompanhamento.

"As políticas precisam ser lideradas pelas comunidades assim e aumentar essa confiança na cooperação, na organização, no governo e não só na iniciativa privada, porque eu acho que inclusive as organizações comunitárias ensinam muito para a iniciativa privada, sobre a relação com o território, sobre a subjetividades dos territórios que muitas vezes não são captadas pelo capital privado. Hoje a gente tem vários modelos diferentes de parcerias público-privadas, mas a gente tem poucos modelos de parceria público-comunitárias que levam em consideração o estado e as comunidades". **JOVEM NEGRA**

6. Recomendações finais

Recomendações centrais para orientar políticas e programas futuros

- **Governar com as mulheres e seus territórios** — não apenas para elas. As entrevistadas recomendam que políticas e programas sejam desenhados e decididos junto às mulheres — urbanas, rurais e de povos/comunidades tradicionais —, reconhecendo protocolos comunitários e tempos do território. Isso significa passar da consulta à cogestão, com conselhos deliberativos, orçamento participativo e devolutivas claras; substituir projetos pontuais por programas de longo prazo ancorados em organizações locais.
- **Infraestrutura de cuidados como política econômica**: tratar creches integrais, cuidado de idosos e apoio psicossocial como infraestrutura produtiva que resolve a "pobreza de tempo" e viabiliza a presença das mulheres em formações, espaços de liderança, redes e mercados. Sem isso, a transição verde reproduz desigualdades: políticas devem financiar e operar serviços de cuidado onde as iniciativas acontecem, inclusive com horários e logística compatíveis.
- **Financiamento plural, contínuo e desburocratizado**: criar múltiplos instrumentos — microcrédito, "microbolsas", fundos territoriais, filantropia comunitária, linhas de financiamento públicas atreladas a metas de gênero e clima — com garantias flexíveis e fluxo ágil, inclusive para coletivos informais.
- **Formação com linguagem simples:** ofertar letramento climático com linguagem acessível, presença no território e pares ensinando pares. Conectar atores externos e estratégicos ao território.
- **Compras públicas e acesso a mercados como motor de escala justa:** usar o poder de compra do Estado para tracionar cooperativas e coletivos femininos, com critérios de diversidade e preço justo. Apoiar canais de comercialização que reduzam atravessadores e consolidem renda local — inclusive com selos territoriais.
- **Segurança jurídica e reconhecimento territorial:** avançar em regularização fundiária, reconhecimento de associações e redes e proteção contra violência e assédio para que mulheres possam planejar, investir e herdar. A segurança territorial é vista como pré-condição da autonomia econômica.
- **Métricas além do carbono**: mensurar sucesso por paridade, igualdade salarial, salário digno, bem-estar, participação qualificada e permanência no território — além de carbono.
- Desenvolver modelos que levem em consideração as **parcerias público-comunitárias.**
- **Sebrae como tradutor e viabilizador de parcerias**: espera-se que o Sebrae traduza a agenda para o cotidiano dos pequenos negócios, mapeie mulheres e cadeias e viabilize parcerias entre governos, empresas, sociedade civil e organismos internacionais. Além disso, espera-se que o Sebrae possa operar

hubs permanentes que integrem formação, tecnologia, financiamento e vitrines, garantindo continuidade e escala de projetos com recorte de gênero, raça e território.

Equipes da Pesquisa

Realização

A pesquisa qualitativa POR ELAS, PELO CLIMA: Gênero, Empreendedorismo e Justiça Climática é uma realização da Unidade de Estratégia e Transformação (UGE) do Sebrae

Gerência UGE

André Spínola

Aretha Zarlenga

Gerência UEDI

Geórgia Nunes

Eraldo Santos

Gerência UAIN

Vinícius Lages

Débora Teixeira

Equipe de Pesquisa

Coordenador do Núcleo de Pesquisa

e Gestão Conhecimento UGE

Dênis Nunes

Coordenadora da Pesquisa

Raissa Rossiter

PNUD Brasil

Equipe META

Flávio Eduardo Silveira

Jalcira das Virgens

Daiana Hermann